

# INTERRELAÇÕES CONCEITUAIS E ESTÉTICAS ENTRE EDUCAÇÃO E LITERATURA: O CARÁTER VIVAZ E IMPREVISÍVEL DA OBRA ARTÍSTICA

Alex Sander da Silva / Universidade do Extremo Sul Catarinense - alexsanders@unescc.net

---

## › Resumo

Adorno, em sua *Teoria estética* (1992), procurou compreender o movimento de constituição e desdobramento da arte a partir de vínculos contraditórios entre diversos pólos: o indivíduo e a sociedade, a arte e a cultura de massa, forma e conteúdo, o belo artístico e o belo natural, entre outros. O conteúdo da arte mantém uma instância inalcançável para a racionalidade instrumental. Nesses termos, a chave interpretativa adorniana encontra-se no conceito de *mimeses*, cuja diretriz é mais que mera imitação ou ajuste do pensamento a um modelo de racionalidade. Em Adorno, a experiência estética reside na exposição do sujeito à própria experiência mimética. Os momentos da *mimeses* não se reduzem a cópias ou a imitação, mas regresso do irracional como racionalidade completa. Nesse sentido, uma questão que colocamos: Em que sentido pode-se associar a questão da expressividade estética em Adorno ao conceito de *mimeses*? E qual sua potencialidade para novos sentidos das interrelações formativas contemporâneas? Trata-se aqui, em primeiro lugar, de reconstituir o modo como Adorno, em sua *Teoria estética*, concebe a dialética das obras de arte através do conceito de *mimeses*. A seguir, indicar a noção de expressividade estética como condição necessária e potencial ao caráter expressivo da racionalidade, e mostrar como a linguagem da obra de arte pode proporcionar uma recuperação do potencial formativo dos processos educacionais através da literatura. Nesses termos, pretende-se indicar que o sentido da educação emerge através da consideração do caráter expressivo das obras de arte como experiência formativa. Nesta questão parece existir um amplo aceite entre os estudiosos e críticos do pensador frankfurtiano. É possível ler a obra *Teoria estética* (1992), de Adorno como fuga ao pesadelo da história, usando a estética como esconderijo e uma trincheira menos ameaçadora ao conceito.

» **Palavras-chave:** *estética – educação – literatura-mimeses*

A expressão estética vem desafiar o sentido do “desencantamento” do conceito na relação entre a arte e a filosofia. O caráter expressivo da arte aponta para os limites da racionalidade, quando esta se direciona para o meramente instrumental. Isto é, a expressividade da obra de arte vem denunciar as pretensões objetivantes do conceito que se autopromove, que se pretende absoluto.

O caráter expressivo da arte, a meu ver, possibilita o entrelaçamento entre o conceitual e o momento da sensibilidade criativa. Tal entrelaçamento não significa submeter uma a outra. Ou seja, subjugar a arte ao conceito ou vice-versa. Não significa reduzir o caráter do conceito explicativo da obra, mas potencializar suas forças formativas como *leitmotiv* de um “estético-formativo”. O que de certa maneira, constituem as interrelações entre educação e literatura no contexto da formação humana.

Estou a procura dessas interrelações em Theodor W. Adorno, cujo em sua *Teoria estética* (1992), a meu ver, procurou compreender o movimento de constituição e desdobramento da arte a partir de vínculos contraditórios entre diversos pólos: o indivíduo e a sociedade, a arte e a cultura de massa, forma e conteúdo, o belo artístico e o belo natural, entre outros. O conteúdo da arte mantém uma instância inalcançável para a racionalidade instrumental, provocando-a a sair de

si mesmo na busca do seu *outro*.

Nesses termos, a chave interpretativa sobre esse caráter, encontra-se na *mimeses*, cuja diretriz é mais que mera imitação ou ajuste do pensamento a um modelo de uma racionalidade objetiva. A experiência estética reside na exposição do sujeito à sua própria experiência mimética. Desse modo, os momentos da *mimeses* não se reduzem a cópias ou a imitação, mas ao regresso do irracional como uma racionalidade completa.

Uma questão que se coloca é a seguinte: Em que sentido podemos associar a questão da expressividade estética em Adorno ao conceito de *mimeses*? E qual sua potencialidade para novos sentidos das interrelações conceituais e estéticas entre educação e literatura? Trata-se aqui, de reconstituir o modo como Adorno, em sua *Teoria estética*, concebe a dialética das obras de arte através do conceito de *mimeses*. E, indicar a noção de expressividade estética como potencial formativo dos processos educacionais através da literatura.

Em outras palavras, pretende-se aqui indicar o caráter vivaz e imprevisível da obra artística e as suas contribuições para o sentido da educação como experiência formativa. Assim, é possível ler a obra *Teoria estética* (1992), como fuga ao pesadelo da racionalidade instrumental, como esconderijo e uma trincheira menos ameaçadora ao conceito de *mimeses* da obra de arte. No dizer de Adorno “A mimese liga a arte à experiência humana individual e ela é apenas ainda a experiência do ser-para-si.” (p.43).

Adorno remete à *mímesis*, tanto para uma interpretação antropológica da racionalidade – como é o caso das análises da condição da subjetividade na *Dialética do esclarecimento*<sup>1</sup> – quando a *mímesis* é tratada em dois movimentos: de um lado, é entendida como um traço característico dos animais em sua tentativa de proteger-se contra os perigos da natureza, que, nos seres humanos, liga-os diretamente ao mimetismo, ou seja, ao horror provocado pela natureza à humanidade: “A proteção e pelo susto é uma forma de mimetismo. Essas reações de contração do homem são esquemas arcaicos da autoconservação: a vida paga o tributo de sua sobrevivência assimilando-se ao que é morto” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 168).

Por outro lado, a *mímesis* torna-se o oposto de tal esquema, tornando-se assim aquilo que não se deixa dominar pela objetividade racional. Torna-se a possibilidade aberta ao comportamento do sujeito ao impulso mimético. Assim, envolveria não só a assimilação ao que é morto na universalidade, mas a assimilação ao que é exprimível na natureza interna e externa. Desse modo, a condenação do mimetismo, no seu sentido negativo, aparece quando o indivíduo, para livrar-se do medo do desconhecido, abandona a diferença entre a entidade em que se confronta e o seu próprio eu.

A *mímesis* carrega duas tarefas importantes: primeira, conserva a imagem do seu objeto obstruída pela racionalidade; segunda, convence o estado de coisas existentes de sua irracionalidade, de sua absurdidade (ADORNO, 1992, p. 68), e expõe aquilo que foi reprimido na natureza. Nesse registro, o intuito do pensamento de aproximar-se do objeto procura reconhecê-lo, mas não domesticá-lo ou anulá-lo. Procura-se, assim, um conhecimento que reconheça suas próprias fronteiras, e que não se oriente pela exigência de ultrapassá-las. Pois, como indica Adorno: “a arte é

---

<sup>1</sup> Isto está manifesto na *Dialética do Esclarecimento*, sobretudo, no Excurso I: *Ulisses ou mito e esclarecimento*. In: ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

refúgio do comportamento mimético” (ADORNO, 1992, p. 68).

A mimesis faz o conceito autotematizar-se. Trata-se, enfim, de pensar o momento mimético inalienável ao sentido de toda racionalidade. Será possível, assim, mostrar que a experiência estética possui uma dinâmica propriamente de imbricação entre razão e sensibilidade, pensamento e corpo, sujeito e objeto. Pode-se dizer que a arte é recolhida da realidade empírica no momento em que procede a tentativa de eliminação da irracionalidade em favor de outra racionalidade, a saber, o da expressividade estética das obras de arte.

Nesse sentido, a obra de arte não pode representar seus conteúdos específicos de outra forma que não seja na sua *expressividade estética*. O que isso significa? Isso significa manifestar o reflexo do existente, que na obra de arte demonstra o que teria de ser modificado na realidade, isto é, no seu conteúdo de verdade.

Em oposição a uma racionalidade que domina e escraviza o mundo, as imagens estéticas da obra postulam o enfrentamento em superar o possível “trauma” de perder lugar seguro no conceito. O desafio de Adorno, na sua teoria estética, foi muito mais o de compreender a arte como algo conceitual, enquanto pretendia também esticar o conceito até experimentá-lo no limite da própria arte.

Um dos principais elementos em que Adorno vislumbrava a possibilidade expressiva da arte é a estreita relação entre esta e a sociedade. Para Adorno, a obra de arte é uma “antítese social da sociedade” (ADORNO, 1992, p. 19). Tal compreensão pode servir-nos como fio condutor para penetrar as suas complexas reflexões estéticas e tentar solucionar as aparentes dissonâncias entre a arte e o mundo social.

No entanto, essa tarefa para a arte não é muito simples, como também não significa uma pura resignação da própria obra. Mas, demonstra uma elevada intenção de preservar-se, enquanto obra de arte, no seu caráter temporal e histórico. As relações conflituosas da arte com o mundo social levam a mais avançada consciência estética, cuja preservação da sua autonomia ocorre por meio de uma “autotransformação interna”.

Quando Adorno fala de arte, refere-se à arte moderna que não pode oferecer nem consolo e nem reconciliação (GEYER, 1985, p. 150). A arte tem sempre que identificar seu lugar num mundo cada vez mais contraditório, sendo forçada a tematizar a si mesma. E, nessa experiência, constrói sua *expressividade estética* autêntica. “A arte é plenamente expressiva quando, através dela, é subjetivamente mediatizado algo de objectivo: tristeza, energia, nostalgia. A expressão é o rosto plangente das obras”(ADORNO, 1992, p.130). No seu dizer:

Se a expressão fosse simples reduplicação do que é subjectivamente sentido, permaneceria inútil; a ironia do artista acerca de um produto que resulta da impressão, e não da invenção, sabe isso muito bem. Mais do que de tais sentimentos, o seu modelo é a expressão de coisas e situações extra-artísticas. Os processos e as funções históricos encontram-se nelas já sedimentados e exprimem-se. Kafka é nisto exemplar para o gesto da arte e deve a sua irresistibilidade ao facto de retransformar tal expressão no «evento», que aí se torna cifra”(ADORNO, 1992, p.130).

Essas considerações se fazem necessárias ao esquema correlato de “essência e aparência”, que é obrigatório para a constituição da teoria estética adorniana. A “arte autêntica” é aquela que não consegue se identificar à realidade, tanto mais se torna diferente. Ao querer se assemelhar à realidade, a arte torna-se um outro, *aparência* daquilo a que ela tentou se assemelhar. Portanto, a obra de arte é *aparência* de uma realidade que ela própria não é.

O fato de a arte ser aparência da realidade recupera o caráter autônomo da obra: é exatamente porque a arte é aparência da realidade, um outro diferente da

realidade, que ela é autônoma. Ao reafirmar o caráter autônomo da arte, ou seja, o fato de ela ser algo em si mesma, Adorno restitui seu caráter crítico. A autonomia artística não é algo separado do mundo, fechado em uma redoma de vidro. A arte é autônoma exatamente porque tenta se assemelhar à realidade, fazendo-se diferente desta, criticando-a e deformando a própria imagem da sociedade a que tenta se assemelhar.

Ao trazer isso para o campo da educação nos remete a tentativa de pensar numa configuração estético-formativa da experiência educativa. Esta permitiria uma compreensão da realidade educacional que ultrapasse o mero uso de esquemas conceituais. Ao proporcionar o contato com o “outro”, uma educação estético-formativa permitiria experiências enriquecedoras, que ao dissolver os mecanismos de repressão e formação reativos, inaugure uma nova relação da consciência com o mundo.

Desse modo, é importante notar quais os pressupostos formativos que se apresentam como norteadores das elaborações didático-metodológicas da ação educativa. A ênfase no desencantamento da educação se justifica diante da crise de referências que tem pautado as abordagens tanto da reflexão educacional quanto da atividade pedagógica contemporânea. Nelas se alteram significativamente os sentidos e a compreensão que estão exigindo outros critérios de análise, que estejam fora da lógica de dominação.

O que se exige da educação é, segundo Seligmann-Silva (2003, p. 38) “que recupere a capacidade de autorreflexão; que dialogue com indivíduos autênticos, e não com membros de uma massa amorfa”. A necessidade é que a educação seja mais do que o simples “*ajuste das pessoas*” a um determinado sistema social, mas o de compeli-las para propostas que atendam às exigências para formação de “espíritos livres”. O desafio é manter-se no caminho *da resistência e da utopia filosófica*. Esta proposta requer o caminho da contradição, que reclame elementos de uma *razão negativa*.

Talvez este seja o principal problema a ser enfrentado na educação contemporânea, isto é, na sua pretensa verdade formativa, resolver na sombra da suposta ignorância da arte os limites da experiência formativa. Na conjunção entre educação e estética abre-se o espaço para o confronto com aquilo que é reprimido pela lógica instrumental. Isto é, o espaço da sensibilidade, desse modo, abrir-se as formas contemporâneas da pluralidade conceitual e da racionalidade das obras de arte.

E, só um tal modo de vida plural criaria a força expressiva que se colocaria como força vivificadora da educação. Para isso, a educação precisa voltar-se para si mesma, abrindo-se para a dimensão do “outro” da obra de arte, que faculta um novo modo de olhar e compreender o mundo.

## Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Teoria Estética**. Trad. Artur Mourão. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1992.
- \_\_\_\_\_. Teoria da Semicultura (*Hallbildung*). Trad. Newton Ramos de Oliveira com colaboração de Bruno Pucci e Cláudia Moura Abreu. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, nº 56, ano VXII, p. 388-411, dez. 1996.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Tradução de Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. GIACÓIA JR., Osvaldo. A ética na era da globalização à luz do pensamento de Adorno. In: LASTORIA, Luiz A. C. N.; COSTA, Berlamino C. G.; PUCCI, Bruno. **Teoria crítica, ética e educação**. Piracicaba/Campinas: Ed. UNIMEP/Ed. Autores Associados, 2001.
- FREITAS, Verlaine. **Adorno & a arte contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- GEYER, Carl Friedrich. **Teoria crítica**: Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. 1. ed. Barcelona, Editorial Alfa, 1985.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Adorno**. São Paulo: Publifolha, 2003.
- TIBURI, Márcia. **Metamorfose do conceito**: ética e dialética negativa em Theodor Adorno. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Uma outra história da razão e outros ensaios**. São Leopoldo, RS: Editora da UNISINOS, 2003.
- ZAMORA, José A. **Th. W. Adorno**: pensar contra barbárie. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2008.